

## Faculdade Luterana de Teologia - FLT



☎ (47)635-1108 ramal:233  
e-mail: ceteol@ceteol.com.br  
www.ceteol.com.br

## Lar Filadélfia

*Tranqüilidade, passeios ao ar livre, apartamentos confortáveis,  
comida caseira, e muito mais...*



☎ (47) 635-1055

larfiladelfia@creativenet.com.br  
www.larfiladelfia.creativenet.com.br

## O ESPIRITISMO E O MOVIMENTO EVANGÉLICO BRASILEIRO: IMITAÇÃO, CONFRONTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

J. Scott Horrell\*

Aqueles que têm fé em Cristo, aqueles que têm fé em Deus, aqueles que viram as cirurgias que eu realizei não deveriam pensar em mim, mas no poder de Cristo. Eu fui enviado à terra; Cristo ordenou que eu viesse à terra. Eu vim para curar as dores que a medicina convencional não é capaz de curar. O olho da máquina humana e o raio-x do espírito são capazes de alçar as regiões escondidas, as profundezas da matéria humana. Quando nós, os espíritos, trabalhamos pela terra, o fazemos de modo que a humanidade sinta em seu coração que existe uma força suprema chamada Cristo, chamada Deus. Eu sou um pouco de Cristo, um pouco do Senhor. E eu faço cirurgias porque sou também uma pequena parte de toda pessoa humana em quem opero. Nosso amor por Cristo deve ser um amor por todos. Eu não me considero um cirurgião. Eu me considero um cooperador da doutrina do Mestre Jesus. Eu me considero um cooperador com meus co-obreiros da espiritualidade. Devagar, estamos nos movendo adiante na vereda do Mestre Jesus, na direção da morada de meu Pai, por meio das evoluções em outras galáxias e mundos dos quais viemos para trazer alívio e benefícios para cada ser humano na terra. [Palavras do espírito-cirurgião “dr. Ricardo”].<sup>1</sup>

\* John Scott Horrell, Th.D., foi professor na área de Teologia Sistemática da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, S.P., por vários anos; membro-fundador de Vox Scripturae, é atualmente professor na área de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Dallas nos Estados Unidos. O presente artigo, escrito originalmente em inglês, foi traduzido por Estevan F. Kirschner.

<sup>1</sup> “Dr. Ricardo” era diretor de uma clínica médica espírita. Ele afirmava falar e realizar cirurgias pelo espírito de um cirurgião falecido, o “dr. Antônio”. Esta citação, extraída de uma gravação em fita de vídeo, datada de 25 de setembro de 1989, foi fornecida por um estudante do Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia, S.P. “Dr. Ricardo” morreu 3 meses depois de gravar esse vídeo.

O propósito deste artigo é duplo. Primeiro, visa informar o leitor acerca do pano de fundo e da natureza do Espiritismo brasileiro, bem como do pano de fundo e da natureza do Movimento Evangélico brasileiro, especialmente em suas expressões pentecostais mais recentes. Segundo, visa traçar algumas similaridades e contrastes entre os dois sistemas religiosos. Embora as orientações teológicas espíritas e evangélicas divergem amplamente, podem haver compreensões e atividades paralelas entre ambos. O Espiritismo Brasileiro inclui estruturas de crenças religiosas que vão desde o Kardecismo europeu até formas da religiosidade tradicional africana, tais como o Candomblé e a Quimbanda, apesar de que hoje a maior parte dessas formas já esteja firmemente marcada por um “Made in Brazil”. No campo oposto, o Movimento Evangélico brasileiro perpassa as denominações tradicionais, o protestantismo progressivo, os movimentos carismático e pentecostal. Enquanto é verdade que as doutrinas do Espiritismo e do Movimento Evangélico contrastam entre si, este artigo observa que algumas vezes paradigmas de pensamento e de comportamento se sobrepõem, nem sempre para o bem do Evangelho.

## 1. DEFININDO O ESPIRITISMO BRASILEIRO

### 1.1 Espiritismo: Definição e Variantes

Espiritismo é a crença em e a invocação de seres finitos e invisíveis, quer as almas dos mortos ou poderes divinos pessoais e intermediários. Enquanto estudiosos debatem as distinções entre “animismo”, “espiritismo” e “espiritualismo”, a crença de que a realidade humana é influenciada por um grande número de espíritos invisíveis é, aparentemente, tão antiga quanto a humanidade. Foerster, por exemplo, argumenta que uma idéia animística básica subjaz as concepções gregas antigas de δαίμων [*daimôn*],

um ser, freqüentemente tido como o espírito de algum morto, dotado de poderes supernaturais, caprichoso e imprevisível, presente em lugares não-convencionais em momentos particulares e ativos em eventos estarrecedores na natureza e na vida humana, mas aplacados, controlados ou, pelo menos, mantidos à distância por meios mágicos.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Werner FOERSTER. δαίμων, δαιμόνιον. in G. KITTEL (ed.) *Theological Dictionary of the New Testament*. Vol. II. Grand Rapids: Eerdmans, 1964. pp. 1.8.

Se o termo “animismo” descreve uma forma mais primitiva de religião indígena, “espiritismo” caracteriza um amálgama composto de uma cosmovisão animista com outros símbolos e crenças religiosos num determinado contexto religioso. O conceito de “espiritualismo”, predominante na América do Norte, focaliza a comunicação com os mortos, especialmente por intermédio de uma terceira parte envolvida. “Espiritualismo”, porém, pode também se referir à crença filosófica de que toda a existência é essencialmente espiritual (cf. a Ciência Cristã, por exemplo).

Para os nossos propósitos, “espiritismo” é aqui empregado no sentido inclusivo de crença na existência de entidades espirituais e a comunicação com elas, e até mesmo de possessão por elas.<sup>3</sup> No uso ocidental, o “espiritismo” pode incluir a religião Ameríndia (Xamanismo), mas descreve mais tipicamente as crenças sincretistas de Santería (Cuba), Vodou (Haiti), Xangô (Trindade) e várias formas de religião afro-brasileira. Nesse sentido, espiritismo descreve as várias misturas ocidentais de Iorubá, Dahomeniano ou outras religiões tradicionais africanas com religiosidade nativa americana e símbolos do Catolicismo Romano popular. Essas formas incluem desde religiões ostensivamente cristãs, tais como os Batistas Espirituais das Pequenas Antilhas (entre os quais possessão espiritual é vista como a mesma do Pentecoste), até aquelas mais identificadas com a religião tradicional africana, tal como a de Xangô no Brasil. O segundo uso maior do termo “espiritismo” comum na ibero-América define ou inclui expressões neo-europeias e New Age, notavelmente pela influência do médium francês Allan Kardec.

## 2. DUAS FORMAS PRIMÁRIAS DO ESPIRITISMO BRASILEIRO

Tendo em vista sua grande população de 175 milhões de habitantes, o Brasil tem o maior número de espíritas no mundo.<sup>4</sup> No próprio Brasil é fácil

<sup>3</sup> Gailyn van RHEENEN (*Communicating Christ in Animistic Contexts*. Pasadena: W. Carey Library, 1991) estima que quase 40% da população mundial vive sob algum nível de animismo, embora contido nas maiores religiões mundiais.

<sup>4</sup> É sabido que não existe uma estatística absoluta quanto ao número real de praticantes do espiritismo no Brasil, primariamente em razão de que a cosmovisão espírita é tão endêmica à psiquê nacional que muitos não conseguem e não a distinguem de seu credo religioso. Além disso, por causa do estigma do rótulo “espírita”, até mesmo líderes espíritas freqüentemente declaram ser católicos nos censos nacionais. Patrick Johnstone e Jason Mandryk estimam o número de espíritas brasileiros em 5% ou 8.5 milhões, cf. *Operation World: 21<sup>st</sup> Century Edition*. Carlisle: Paternoster, 2001. p. 120, ainda que mais tarde afir-

de perceber as inúmeras variações do espiritismo, desde o xamanismo das tribos indígenas do Pantanal e da Amazônia até os centros espíritas kardecistas, populares nos estados do Sul. Estudos aprofundados de muitas expressões espíritas estão à disposição dos interessados.<sup>5</sup> Com a finalidade de comentar as práticas do espiritismo, é útil organizar os vários grupos em duas categorias maiores. A categoria mais numerosa e, geograficamente, mais difundida é o espiritismo afro-brasileiro: Candomblé, Quimbanda, Macumba e Umbanda. A segunda, o Kardecismo – muitas vezes chamada de “mesa branca” – atrai os descendentes dos imigrantes europeus. Assim, esta última é popular nas áreas urbanas do sul e centro do Brasil, incluindo a região denominada “triângulo espírita” no estado de Minas Gerais. Na realidade, múltiplas vertentes do espiritismo se misturam por todo o país, freqüentemente definidas tanto geograficamente quanto por nomenclatura e ritual. As duas formas (afro-brasileira e mesa branca) são comumente distinguidas dentro do próprio espiritismo. O “baixo” espiritismo afro-brasileiro tende a orientar-se ao redor de questões do cotidiano, lidando com as complexidades da vida, apaziguando e manipulando seres sobrenaturais. Por outro lado, o espiritismo euro-brasileiro afirma uma hierarquia de boas obras dirigidas por espíritos guias, tendo em vista a evolução rumo à perfeição por meio de múltiplas reencarnações, como ilustra a citação inicial deste estudo.

### 1.1 Espiritismo Afro-brasileiro: Candomblé, Quimbanda e Umbanda

Desde o seu início nos anos 1440 até o fim do século 19, o tráfico de escravos africanos perpetrou a maior migração forçada de pessoas da histó-

---

mem que a maioria da população está envolvida com o baixo espiritismo, apesar de se identificar como cristã, p. 122. Embora Johnstone esteja, provavelmente correto, o censo nacional do ano 2000 registra aderentes de religiões não-cristãs (incluindo budistas, muçulmanos, etc.) compondo apenas 3.5% – 2.4% no censo de 1991. Interessantemente, no censo mais recente, o maior número afirmando ser do Candomblé e da Umbanda está na região Sul (0.7%) contra apenas 0.1% no Nordeste, região na qual, sabidamente, o Candomblé tem forte presença. Veja Eduardo CUCOLO. “Católicos perdem espaço para evangélicos e sem religião, diz Censo”. *Folha [de São Paulo] Online*. 8 de Maio de 2002.

<sup>5</sup> A.H. ANDERSON. “Latin American and Caribbean Spiritism”. in C. PARTRIDGE (ed.) *Dictionary of Contemporary Religion in the Western World*. Downers Grove: IVP, 2002. pp. 271-273; Roger BASTIDE. *The African Religions of Brazil: Towards a Sociology of the Interpenetration of Civilizations*. John Hopkins University Press, 1978; Tácito da Gama LEITE FILHO. *Seitas Mágico-Religiosas*. R.J.: JUERP, 1991; David J. HESS. *Spirits and Scientists: Ideology, Spiritism and Brazilian Culture*. Pennsylvania State University Press, 1991; David J. HESS. *Samba in the Night: Spiritism in Brazil*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994; Giorgio PALEARI. *Religiões do Povo: Um estudo sobre a inculturação*. S.P.: A.M. Edições, 1990; George E. Simpson. *Black Religions in the New World*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1978. Uma busca na Internet (Google, em 18 de novembro de 2002) revelou uma lista de 13.800 páginas sobre o tema “spiritism”.

ria. Dos aproximadamente 9.5 a 10 milhões de pessoas que sobreviveram às condições transatlânticas, 31% foram trazidos para o Brasil, a última nação no mundo ocidental a terminar com a escravatura (em 1888).<sup>6</sup> Nos séculos XVII e XIX os portugueses dominaram o tráfico de escravos trazendo grandes números de Angola, Congo, Nigéria e depois de Moçambique. A maior parte desses escravos era destinada às plantações do nordeste brasileiro, onde a herança africana permanece forte ainda hoje. Centenas de milhares de africanos foram forçados ao batismo no catolicismo romano e instruídos a se conformarem à fé e aos rituais da igreja. Ainda assim, por detrás da fachada de conformismo à fé cristã, a religião tribal africana persistiu, freqüentemente, como forma de identidade étnica e resistência à opressão branca.<sup>7</sup> O candomblé e formas religiosas similares, tais como a quimbanda, macumba<sup>8</sup> e xangô continuam, de vários modos, estreitamente ligados à família de religiões africanas. A maior parte das religiões tradicionais africanas afirma a existência de um “deus”, agora, distante, caprichoso e até mesmo irado com o mundo. Para a humanidade esse deus soberano é inabordável e, freqüentemente, irrelevante. Atividade espiritual tangível ocorre a partir de uma hoste de entidades invisíveis, mediando entre o deus distante e a comunidade tribal. Esse reino intermediário é habitado por uma hierarquia de orixás e seres inferiores que mediam poder e, muitas vezes, lutam entre si. Por exemplo, Xangô é, em iorubá, o orixá do trovão e relâmpago – daí o nome da religião centralizada nele. No mito iorubá, Xangô era um homem, filho de Oranmiyan, que foi o fundador do reino de Iorubá Oyo. Tendo se frustrado na vida terrena, agora Xangô é simbolizado com um machado de dois gumes como um deus poderoso e ameaçador que intermedia poder a seus fiéis.

Em grande parte do espiritismo afro-brasileiro, o médium humano (ou sacerdote/ sacerdotisa) é chamado de “mãe de santo” ou “pai de santo”, al-

---

<sup>6</sup> Anthony MCFARLANE. “African Slave Migration”. in S. COLLIER; T.E. SKIDMORE e Harold BLACKMORE (eds.) *The Cambridge Encyclopedia of Latin America and the Caribbean*. Cambridge: CUP, 1992. pp. 138-142.

<sup>7</sup> Cf. George E. SIMPSON. *Black Religions in the New World*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1978. Um traço interessante da mudança religiosa histórica foi a prática – freqüente em famílias abastadas –, de deixar o cuidado diário de seus filhos às babás africanas. Os filhos e os netos criados pelas chamadas “mães de leite”, partilhavam cada vez mais do sincretismo entre espiritismo e catolicismo, de tal modo que as 2 religiões eram vistas como distintas apenas formalmente. Embora seja consensual a idéia de que o espiritismo infiltrou-se na sociedade brasileira como um todo, ele marca de maneira especial as classes econômicas baixa e alta da sociedade.

<sup>8</sup> “Macumba” pode descrever 1) uma forma particular de sincretismo afro-brasileiro com religiosidade indígena e cristianismo; 2) a prática ritual de sacrifícios e ofertas (comum a todo espiritismo afro-brasileiro); ou, de modo mais geral, 3) magia negra e feitiçaria.

guém que se apresenta com a indumentária ritual de acordo com o orixá. Os seguidores são denominados “filhos” ou “filhas de santo” e estão sujeitos aos seus líderes/guias. O lugar de culto é o terreiro. Milhares desses terreiros estão devidamente registrados em todo o território nacional. O orixá é invocado por meio de tambores (atabaques), sacrifícios de animais e ofertas, música e danças por meio das quais o espírito toma posse do adorador. A mãe ou o pai de santo canta e murmura palavras em iorubá, enquanto os iniciados dançam em círculo e em transe sucumbem aos espíritos. Apesar de rituais, música e terminologia alternativa distinguem as “nações” do candomblé, da quimbanda, da macumba e de xangô, suas crenças e práticas básicas são semelhantes.

Embora cada forma de afro-espiritismo inclua elementos brasileiros, a religião mais recente conhecida como umbanda se mostra especialmente popular. O início da umbanda é geralmente atribuído a Zélio de Moraes, um homem branco da classe média, filho de um espírita kardecista. Zélio de Moraes reivindicou que em 1920 o espírito de um sacerdote jesuíta morto declarou que ele fundaria uma nova religião, autenticamente brasileira e dedicada a 2 espíritos da macumba – o Caboclo e o Preto Velho.<sup>9</sup> O primeiro centro de umbanda começou em Niterói, RJ, em meados dos anos 1920. O movimento se espalhou primeiramente entre kardecistas brancos de classe média que estavam frustrados com o “alto espiritismo” anêmico. Ao integrar diversos aspectos “positivos” do kardecismo, a umbanda prometia evitar as características mais primitivas da macumba enquanto se apropriava de seu engajamento mais objetivo com os espíritos. A umbanda absorveu deliberadamente crenças indígenas, os santos e símbolos do catolicismo romano e o espiritismo kardecista.<sup>10</sup> Enquanto que o candomblé domina no nordeste brasileiro, é nas cidades industriais do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Porto Alegre que as lojas que vendem artefatos religiosos da umbanda são lugar-comum. Esses artefatos vão desde estátuas de Iemanjá (rainha do mar), da Virgem Maria, de Pajés indígenas, de S. Jorge e Jesus, juntamente com artigos espíritas tais como fetiches, velas votivas, aparatos para sacrifícios e livros de instruções

<sup>9</sup> Tina G. JENSEN. “Discourses in Afro-Brazilian Religion: From De-Africanization to Re-Africanization”. in Christian SMITH; Joshua PROKOPY (eds.) *Latin American Religion in Motion*. Nova Iorque: Routledge, 1999. p. 280.

<sup>10</sup> Veja André DROOGERS. *E a Umbanda?* São Leopoldo: Sinodal, 1985; Boaventura KLOPPENBURG. *Espiritismo*. S.P.: Loyola, 1986; Neusa ITIOKA. *Os Deuses da Umbanda*. S.P.: ABU, 1988; Tácito da Gama LEITE FILHO e Ursula Regina da Gama LEITE. *Seitas do Nosso Tempo*. Vol. 4: *Seitas Mágico-Religiosas: Umbanda, Macumba, Candomblé, Quimbanda*. R.J.: JUERP, 1990.

para as “obras” (maldições) contra inimigos. Não surpreende, portanto, que a umbanda seja percebida como a religião mais autêntica no contexto pluralista do Brasil. É considerada a religião que mais cresce no país, ironicamente ponta a ponta com o pentecostalismo.

A doutrina do espiritismo afro-brasileiro ensina que o mundo está repleto de espíritos invisíveis de graus e qualidades variáveis. O deus criador é introspectivo e despreocupado, dificilmente alcançável. Importantes aqui são os poderosos orixás, ou deuses e deusas, os quais gerenciam a terra juntamente com mediadores para esses orixás, tais como exú. Cada deus e deusa tem seu próprio temperamento e domínio de poder. Cada um é aplacado por meio de sacrifícios de sangue distintos, frequentemente com álcool, tabaco e outros artigos. Com esses rituais de dedicação, os adoradores tentam alcançar o favor, a proteção dos espíritos ou coagi-los a agir (seja para o bem ou para o mal).

Paralelos entre o espiritismo afro-brasileiro com o catolicismo popular não são difíceis de discernir:<sup>11</sup> 1) um criador distante (Zambi, Tupã); 2) uma trindade de poderes, com Jesus como Oxalá e o “Divino Espírito Santo”; 3) uma hierarquia de santos (espíritos) mediadores, anjos e a Virgem Maria (Iemanjá ou Oxum), notavelmente S. Sebastião (Oxóssi), S. Jorge (Ogum), S. Jerônimo (Xangô), cujos favores são invocados de diversas formas; 4) os maléficis e caprichosos poderes de Satanás e dos demônios (deuses e deusas do mal), de quem proteção é buscada; 5) práticas de auto-flagelação e ofertas na religiosidade popular da igreja têm paralelo nas súplicas aos deuses nas religiões africanas tradicionais; 6) os santos sacramentos dispensam salvação tanto quanto os cerimoniais mágicos trazem bem-estar e afastam o mal; 7) o sacerdócio intercede pelos homens diante de Deus da mesma forma com que os médiuns espíritas (mães e pais de santo) intermediam a entrada para o mundo sobrenatural; 8) símbolos e ícones cristãos – o crucifixo, o sagrado coração, a santa padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida (a Virgem Negra) –, são substituídos por fetiches no mundo espírita a fim de assegurar a saúde e a felicidade do devoto; 9) transe beatificados são imitados por

<sup>11</sup> Giorgio PALEARI. *Religiões do Povo: Um Estudo sobre a Inculturação*. p. 123, apresenta um diagrama integrando cristianismo e umbanda, dado por adeptos do último. Ele inclui também uma comparação da missa católica com a “pomba-gira” da umbanda, p. 127. Interessantemente, a Conferência Latino-americana de Bispos (CELAM IV) em Santo Domingo, na presença do Papa João Paulo II, afirmou que as expressões religiosas indígenas são formas de “pré-evangelização”, ao passo que as “seitas evangélicas” foram declaradas anátemas (malditas), particularmente as mais agressivas formas pentecostais, cf. Ari Pedro OURO. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

transes induzidos pelos espíritos; e 10) os milagres cristãos são reinterpretados como atos de deuses e deusas que demonstram seu poder divino. As semelhanças, ou imitações do espiritismo afro-brasileiro, com a religiosidade cristã popular na América Latina são múltiplas.

## 2.2 O Espiritismo Euro-brasileiro: Kardecismo ou “mesa branca”

No fim de junho de 2002, durante as horas de celebração que se seguiram à conquista do quinto título mundial de futebol pelo Brasil, milhões de brasileiros choravam a morte do líder espírita mais importante do país, Chico Xavier. Cerca de cem mil pessoas, muitas ricas e famosas, acompanharam o velório do médium no Centro Espírita de Uberaba, no Triângulo Mineiro.<sup>12</sup> Desde sua infância Chico Xavier dizia ouvir vozes que, a despeito dos esforços da família em convencê-lo do contrário, o levaram a abandonar o catolicismo romano. Ao longo de setenta anos Chico Xavier escreveu por volta de 400 obras “psicografadas”, tidas como ditadas pelos espíritos em cada palavra. Seu espírito dominante era identificado com Emanuel.

Chico Xavier, bem como o cirurgião espiritualista dr. Ricardo<sup>13</sup> e centenas de outros aderem ao kardecismo, ou “mesa branca” – assim chamado por causa da mesa branca proeminente em seus centros espíritas. Com o nome de Léon Dénizard Hippolyte Rivail (1804-1869), o intelectualmente dotado Allan Kardec foi criado numa família abastada de Lyon, na França. Quando chegou perto dos cinquenta anos de idade, Kardec se sentiu atraído à comunicação espiritual por influência das filhas, um tanto quanto frívolas, de um amigo. À medida em que seu interesse crescia, ele foi instruído pela mediunidade de outros a assumir o pseudônimo Allan Kardec e a registrar o que os espíritos (gênios) lhe transmitiam. Assim surgiu *Le Livre des Esprits* (O livros dos Espíritos).<sup>14</sup>

<sup>12</sup>“Chico Xavier morre em Uberaba” in *O Estado de São Paulo*. 30.06.2002. <http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/jun/30/192.htm>; <http://oglobo.globo.com/plantão/35050640.htm>. Francisco de Paula Cândido (Chico) Xavier foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 1981.

<sup>13</sup>Veja citação no início deste artigo.

<sup>14</sup>ALLAN KARDEC. *The Spirits' Book: Containing the Principles of Spiritist Doctrine*. Trad. por Anna Blackwell. Ed. revisada. S.P.: Livraria Allan Kardec Editora, 1857. pp. 9-16. Da mesma forma que com outras obras, tais como as de Edgar Cayce, esta toma a forma de perguntas e respostas. Kardec escreveu diversas obras em seqüência a esta, tais como *The Medium's Book* (1861); *The Gospel as Explained by Spirits* (1864); *Heaven and Hell* (1865) e *Gênese* (1867). Cf. também Bob GILBERT (ed.) *Planchete: Or The Despair of Science: Being a Full Account of Modern Spiritualism. Its Phenomena, and the Various Theories Regarding It, with a Survey of French Spiritism*. Vol. 3. *Rise of Victorian Spiritualism*. Londres: Routledge, 2001.

O Livro dos Espíritos afirma um conceito deísta de Deus – todo-poderoso, justo, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. O mundo dos espíritos é o mundo eterno, preexistente em relação ao mundo corpóreo e secundário, no qual os espíritos temporariamente assumem um corpo. “Entre diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos espíritos que alcançaram certo nível de desenvolvimento ... A alma é um espírito encarnado cujo corpo é apenas seu envelope”.<sup>15</sup> É o “perispírito” que une as dimensões física e espiritual em cada ser humano. O perispírito é um corpo etéreo, normalmente invisível, que pode se tornar visível em aparições. Além disso, os espíritos (ou perispíritos) pertencem a diferentes classes: aqueles que são de ordens mais elevadas se distinguem por sua pureza, bondade, conhecimento, e proximidade a Deus; os que pertencem às classes inferiores estão cheios de inveja, orgulho e maldade.

De acordo com Kardec, todos os espíritos estão destinados a obter a perfeição por ascender a hierarquia espiritual. Quando um espírito se encarna, a vida humana, às vezes, se torna um teste que demanda reencarnações. As qualidades da alma da pessoa refletirão se alguém se encarna como um bom ou mau espírito. Enquanto espíritos encarnados geralmente habitam diferentes planetas do universo, espíritos errantes permanecem desencarnados e não ocupam um lugar fixo: “eles estão em todo lugar, no espaço e ao nosso redor, e se misturam conosco incessantemente; constituem uma população invisível”.<sup>16</sup> Quer sejam os espíritos de familiares já falecidos ou visitantes de outros planetas, esses seres desencarnados se comunicam conosco às vezes por escrito, pela fala ou algum outro tipo de manifestação física. Mas como é possível saber, pergunta Kardec, se o espírito é do bem ou é enganador? A resposta: espíritos superiores são atraídos por pessoas de caráter nobre. Os bons espíritos podem ser identificados pela sabedoria, linguagem digna e pela moralidade da regra áurea de Jesus (Mt 7:12). Mas os espíritos malignos muitas vezes enganam. Portanto, continua Kardec, “comunicações instrutivas, dignas desse nome, são obtidas somente em centros [espíritas] sérios, cujos membros estejam unidos por uma comunhão íntima de pensamento e aspirações, na busca pela verdade e bondade”.<sup>17</sup>

No livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), Kardec afirma ainda que Cristo é um dos seres supremos de toda a existência. Ele revela o caminho da transmigração da alma em direção à comunhão com o Pai, uma

<sup>15</sup>KARDEC. *The Spirit's Book*. cap. 6. p. 32.

<sup>16</sup>*Ibid.* p. 34.

<sup>17</sup>*Ibid.* p. 35

vereda de boas obras e amor ao próximo. Em nítido contraste com o espiritismo afro-brasileiro, os kardecistas são usualmente não apenas pessoas amigáveis, mas aqueles que diligentemente se envolvem na prática da beneficência – como demonstram seus hospitais, orfanatos e centros de caridade. Assim, de forma similar ao cirurgião espírita “dr. Ricardo”, muitos dos sete milhões de kardecistas são vistos amplamente como cristãos pela religiosidade popular.

Portanto, não surpreende que, nessa atmosfera religiosamente carregada do Brasil, o alto espiritismo tenha múltiplas influências.<sup>18</sup> Brasília, a capital nacional, foi fundada no início dos anos 1960 pelo místico presidente Juscelino Kubitschek, que acreditava que as energias do universo convergiam nesse lugar peculiar do Planalto Central, no meio do nada. Tia Neiva, uma caminhoneira aposentada, fundou o Vale do Amanhecer – hoje uma grande comunidade espírita na periferia de Brasília –, onde “todos” são ensinados a se comunicar com o mundo espiritual. A Maçonaria brasileira perde apenas para os Estados Unidos em número de membros. O imponente Palácio Maçônico de Brasília hospedou a celebração do novo milênio da Maçonaria – “o advento de uma nova Consciência para o 21º século”.<sup>19</sup> O bestseller brasileiro *Anjos Cabalísticos*, de Mônica Buonfiglio, instrui os leitores a como falar e a fazer amizade com seus anjos da guarda. O famoso escritor Paulo Coelho, autor de *O Alquimista* e outras histórias místicas, ocasionalmente reivindica (em programas de entrevista) ser um cristão. Desde o mormonismo burguês, passando pelas muitas formas de budismo espírita, até os ensinamentos gnósticos popularizados de diversas formas, o Brasil é uma espécie de “caldeirão fervente”, misturando velhas e novas formas religiosas. Embora as religiões afro-brasileiras e euro-brasileiras não sejam as únicas influências, historicamente o espiritismo é que, mais do que qualquer outra, determina a cosmovisão que estimula o sincretismo religioso, pelo qual o país é conhecido pelo mundo.

### 3. O MOVIMENTO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Em 1991 o I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apurou que 9.05% da população de 145 milhões de brasileiros registraram-se como evangélicos. Em 2000, com uma população de 170 milhões, 15.4%, 26

<sup>18</sup>JOHNSTONE e MANDRYK. *Operation World*. p. 122.

<sup>19</sup>Venâncio IGREJAS (Soberano Grão-Mestre do Supremo Concílio do 33º Grau). “Maçonaria não casa com ditadura” in *Ano Zero* 2:18 (Outubro 1992). p. 45. J.S. HORRELL. “Maçonaria: Tensões e Perguntas”, in *Vox Scripturae* III:1 (Março 1993). pp. 73-100.

milhões de brasileiros, afirmaram ser evangélicos – um crescimento de 70.7%.<sup>20</sup> Qualquer que seja o modo em que se defina, é certo que assim como o Brasil é, possivelmente, o maior país espírita do mundo (certamente no mundo ocidental), também é um dos maiores países evangélicos do mundo, ficando somente atrás dos Estados Unidos (e talvez da China). O fenômeno do crescimento evangélico, e particularmente pentecostal, tem sido fonte de muita pesquisa em anos recentes.<sup>21</sup>

#### 1.1 Definindo o Movimento Evangélico (Especialmente o Pentecostalismo)

José Miguez Bonino reclama que a palavra “evangélico” é extremamente difícil de definir no contexto latino-americano.<sup>22</sup> Por um lado existem as tradições protestantes da imigração, tais como as igrejas luteranas confessionais de origem germânica com pouco mais de um milhão de membros, nas quais às vezes essa terminologia não passa de linguagem que demarca o não ser católico. O vizinho deste autor, quando residia em Porto Alegre, lhe disse certa vez: “Eu sou um evangélico como você. Mas eu não sei se creio em Deus”.<sup>23</sup> Muitas vezes, um pentecostal poderá rejeitar o termo

<sup>20</sup>CUCOLO. “Católicos perdem espaço para evangélicos e sem-religião, diz censo”. in *Folha [de São Paulo] Online*. 8 de Maio 2002. Em termos absolutos, diz Cucolo, os evangélicos dobraram em número. O catolicismo romano caiu de 83.76% para 73.8% da população. Apesar do presumivelmente grande número de espíritas, o terceiro maior grupo no censo é daqueles que se identificam como sem-religião – 7.28%, ou 12.3 milhões de pessoas. Adeptos de outras religiões registraram um crescimento de 2.41% em 1991 para 3.5% em 2000.

<sup>21</sup>Só para se ter uma idéia de obras em língua inglesa: Phillip BERRYMAN. *Religion in the Megacity: Catholic and Protestant Portraits from Latin America*. Nova Iorque: Orbis, 1996. esp. pp. 17-51; Andrew CHESNUT. *Born Again in Brazil: The Pentecostal Boom and the Pathogens of Poverty*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997; Edward L. CLEARY e Hannah STEWARD-GAMBINO (eds.) *Power, Politics and Pentecostals in Latin America*. Boulder: Westview Press, 1996; Harvey COX. *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*. Reading: Addison-Wesley, 1995; David MARTIN. *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America*. Cambridge: Blackwell, 1990; Richard SHAULL e Waldo CESAR. *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches: Promises, Limitations, Challenges*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000; Christian SMITH e Joshua PROKOPY (eds.) *Latin American Religion in Motion*. Nova Iorque: Routledge, 1999; e David STOLL. *Is Latin America Turning Pentecostal? The Politics of Evangelical Growth*. Berkeley: University of California Press, 1990. Desde meados dos anos 1980, muitos estudos sociológicos no Brasil tem focalizado a explosão evangélica e pentecostal.

<sup>22</sup>José Miguez BONINO. *Faces of Latin American Protestantism*. Trad. por Eugene L. Stockwell. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. pp. viii-x. Ele resiste a idéia de separar evangélicos de protestantes, termo raramente usado em português e em espanhol.

“evangélico” como algo que não o define, quando teologicamente ele deveria, de fato, encaixar-se em todos os critérios que definem o ser evangélico. Para os nossos propósitos, o termo “evangélico” abarcará todo o espectro de denominações tradicionais, protestantes progressistas, movimentos de renovação carismática e o pentecostalismo.<sup>24</sup> Denominações históricas e o protestantismo progressivo, de modo geral, tem pouco contato direto com o espiritismo, exceção feita aos esforços ocasionais da parte dos progressistas na direção do diálogo inter-religioso.

O maior crescimento do movimento evangélico, com algumas exceções, se dá entre os carismáticos e os pentecostais.<sup>25</sup> Ainda assim, linhas teológicas nem sempre são claras. Organizações paraeclesiais como Atletas de Cristo representam 10 mil membros com impacto significativo em esportes profissionais, sem que haja distinção denominacional internamente. Mesmo não sendo carismáticas doutrinariamente, quase todas as igrejas que crescem possuem um ambiente de espontaneidade e participação, não muito distinto das igrejas pentecostais. Em tudo isso, entre os membros das 75 mil congregações evangélicas, por volta de 75% estão filiados às de orientação carismática ou pentecostal<sup>26</sup> – o que Phillip Berryman descreve como a linha divisória mais óbvia no meio evangélico brasileiro.<sup>27</sup>

Miguez Bonino pergunta se há uma teologia pentecostal definida. Respondendo com cautela, ele alista quatro doutrinas principais: 1) “Salvação, pela graça de Deus, conquistada pela morte vicária de Jesus Cristo – o sangue

<sup>23</sup> Apesar de não consensual, alguns introduziram a distinção entre “evangélico”, o termo mais geral, e o anglicismo “evangelical”, que denota o sentido norte-americano de certa apreciação pela experiência do novo nascimento e doutrinas distintivas.

<sup>24</sup> Informações nesta parte tem como base parcial o artigo deste autor e Ziel MACHADO. “Overview of Brazilian Theology”. in *Vox Scripturae* VII:1 (Junho 1997). pp. 85-111.

<sup>25</sup> As Assembléias de Deus registram acima de 12 milhões de membros; a Igreja Universal do Reino de Deus 4 a 6 milhões; a Congregação Cristã do Brasil, a Convenção Batista Brasileira e o Brasil para Cristo, por volta de 2 milhões cada; os Adventistas do Sétimo Dia, 2,4 milhões; Deus é Amor, 1,8 milhão; a Igreja Quadrangular, a Convenção Batista Nacional (carismática) e a Igreja Presbiteriana do Brasil, entre 600 e 700 mil cada, cf. JOHNSTONE e MANDRYK. *Operation World*. p. 120. Berryman apresenta uma visão pessoal de suas experiências em meio a essas igrejas em São Paulo, além de diversas entrevistas acerca do crescimento dos vários movimentos evangélicos em *Religion in the Megacity*. pp. 17-51.

<sup>26</sup> JOHNSTONE e MANDRYK. *Operation World*. p. 121.

<sup>27</sup> BERRYMAN. *Religion in the Megacity*. p. 18.

redentor – e recebida pela fé”.<sup>28</sup> De extrema importância é aqui a experiência de conversão. Acrescentaria, ainda, que também é central a derrota de Satanás e das forças das trevas na cruz de Cristo; 2) “O batismo do Espírito Santo, interpretado como uma ‘segunda bênção’, testemunhada pelo ‘dom de línguas’ que é ligado à santificação...”<sup>29</sup> Embora os pentecostais (e os carismáticos) diferem quanto ao papel das línguas, “receber poder” pelo Espírito é de suma importância. Pode-se observar que tal poder não é apenas essencial para uma vida vitoriosa, mas também para as confrontações com os espíritos malignos; 3) “Cura divina como promessa para todos os crentes, que se torna real na comunhão da igreja, normalmente por meio da oração e da imposição de mãos”.<sup>30</sup> A cura é vista como um benefício tangível da salvação, uma vitória antecipatória sobre o Mal e o reino das trevas; 4) “Uma escatologia apocalíptica, quase sempre pré-milenista, cujos subtemas tendem a ser a ressurreição, a segunda vinda e o reino milenar, julgamento e o reino eterno”.<sup>31</sup> Implícito nos esclarecimentos que Miguez Bonino faz sobre a escatologia pentecostal é a crença de que Satanás e os espíritos demoníacos experimentarão seu julgamento absoluto, agora selado pela cruz, no lago de fogo. Essas doutrinas são fundamentais para qualquer entendimento do pentecostalismo em relação ao espiritismo.

Juntamente com os evangélicos tradicionais, os pentecostais também afirmam outras doutrinas históricas da fé cristã, tais como a Trindade (à exceção dos pentecostais da linha “Somente Jesus”) e a definição de Calcedônia. Mas, semelhantemente às quatro doutrinas alistadas acima, o pentecostalismo encontra sua força em temas práticos e percebidos empiricamente; a realidade dos anjos e demônios, a perdição de um mundo pecaminoso, a desesperança de toda vida afastada de Deus, a chamada para uma vida santa, o poder da oração, a provisão divina para as necessidades humanas, a importância da comunhão e da igreja local, etc.

<sup>28</sup> Miguez Bonino. *Faces of Latin American Protestantism*. p. 61. Ele desenvolve o padrão quádruplo de Donald Dayton: Cristo, o Salvador, o Santificador, o Sarador e o Rei que vem”, in *The Theological Roots of Pentecostalism*. Grand Rapids: Francis Asbury, 1987. pp. 21ss.

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 62.

<sup>30</sup> *Ibid.* p. 62.

<sup>31</sup> *Ibid.* p. 62.

## 2.2 Características do Movimento Evangélico em comparação com o Espiritismo

Ao observar o movimento evangélico brasileiro em suas expressões mais pentecostais em relação ao espiritismo, é importante notar alguns de seus atributos. Enquanto as quatro doutrinas, esboçadas acima, unem o pentecostalismo tanto quanto as doutrinas protestantes mais clássicas os unem ao movimento evangélico histórico, é provável que as linhas pentecostal e carismática igualmente mostram-se atraentes por motivos adicionais. Diversos desses motivos parecem particularmente relevantes.

Primeiro, naquilo que denomina “pentecostalidade”, Bernardo Campos sugere que o ponto central do pentecostalismo se localiza na “experiência imediata de transformação”.<sup>32</sup> A conversão cristã e a vida diária do cristão são, simultaneamente, existenciais e comunitárias. A fé é uma experiência de profundidade sensorial. O teólogo católico romano Edward Cleary observa um “cerne reconhecível de espiritualidade” que distingue os pentecostais dos demais cristãos.

Os pentecostais centralizam suas vidas na experiência do Espírito Santo. Isso é descrito de modo mais adequado como uma experiência individual em vez de subjetiva ou ilusória, um evento que irradia através do corpo, sendo evidente para os outros. É um contato com Deus vividamente sentido. A experiência pentecostal de Deus é uma parte primária e constante de sua religião. As estruturas de sua adoração são concebidas de modo a sublinhar essas experiências, numa base rotineira, por meio de liturgias intensas e dramáticas. *La tomada del Espíritu* (a posse do Espírito) ... é típica dos tipos de experiência que têm sido essenciais à prática pentecostal.<sup>33</sup>

Essa fé é relacional, de confiança emocional no Deus Triúno. Essa fé frequentemente frágil, em razão da falta de consolo emocional (ou teológico) nos momentos de crises mais agudas. E essas sensações extáticas e convulsivas, por vezes, estão em paralelo com a “pomba-gira” (transe) ou outros eventos dos rituais do espiritismo afro-brasileiro.

<sup>32</sup>Bernardo CAMPOS. “Lo testimonial: Un caso de la teología oral y narrativa”. in *Pentecostalismo y Liberación*. p. 126, apud Miguez BONINO. *Faces of Latin American Protestantism*. p. 72.

<sup>33</sup>Edward CLEARY. “Latin American Pentecostalism”. in Murray W. DEMPSTER, Byron D. KLAUS, Douglas PETERSEN (eds.) *The Globalization of Pentecostalism: A Religion Made to Travel*. Carlisle: Regnum/Paternoster, 1999. pp. 143s.

Segundo o pentecostalismo e o carismatismo são agressivamente evangélicos. Todos os crentes são chamados para serem evangelistas. De fato, a razão de ser da conversão é para “salvar” outros – seja dos lugares mais humildes ou dos mais privilegiados na sociedade. Semelhantemente com o que acontece nas denominações tradicionais, tais como a Convenção Batista Brasileira, uma igreja não é respeitada como “igreja” até que tenha se reproduzido pelo estabelecimento de igrejas “filhas”. Nesse papel de promoção do Evangelho, o movimento evangélico colide frontalmente com o espiritismo, o qual reivindica para si tolerância e pluralismo religioso. Os evangélicos acusam os espíritas de adorar demônios em lugar do verdadeiro Deus. Além disso, uma vez que um número significativo de cristãos se converteu do espiritismo, muitos conhecem seus ensinamentos ocultos e são capazes de confrontá-lo diretamente. Um estudante de um seminário brasileiro relatou a este autor que ele se convertera do espiritismo pouco tempo depois de que seu pai de santo lhe havia dado esta instrução: “Fique longe dos evangélicos. Você não tem poder sobre eles”. Nas praias perto de Santos, centenas de cristãos evangelizam a cada ano pessoas dentre o milhão de espíritas que se reúnem no Ano Novo para oferecer ofertas a Iemanjá, a rainha (deusa) do mar. Essa “batalha espiritual” tem muitas vezes culminado em processos que são movidos por espíritas contra os evangélicos envolvidos. Ainda assim, isso tudo ilustra uma convicção fundamental dos crentes brasileiros: o ser humano está perdido; somente Jesus salva. Então, o crente deve proclamar o Evangelho a todos quantos seja possível.

Terceiro, em termos de características comportamentais das igrejas evangélicas e pentecostais, a maior parte da liderança nacional é autenticamente brasileira. Laços com missionários da América do Norte – mesmo entre as Assembléias de Deus – , são mínimos ou, pelo menos, menores do que os das denominações históricas. Muitos movimentos, tais como o Brasil para Cristo, Deus é Amor, a Convenção Batista Nacional e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), emergiram de visionários brasileiros. Paradoxalmente, é verdade que estruturas eclesiais e formas litúrgicas americanas continuam a moldar a percepção de muitos líderes, do que deveria ser uma igreja local e como a adoração deveria ser feita. Mesmo assim uma criatividade crescente na direção de expressões mais brasileiras para a igreja local está aparecendo, notavelmente em trabalhos independentes tais como as “Comunidades”, a Igreja Renascer em Cristo, e até mesmo na visivelmente autocrática Igreja Universal do Reino de Deus, do Bispo Edir Macêdo. Vigor eclesial renovado também está se manifestando em denominações mais antigas, como as Assembléias de Deus – como o Pr. Ricardo Gondim – , e as

Batistas – com o Pr. Ed René Kivitz.<sup>34</sup> Falando em termos sociológicos, não deve ser coincidência que existam paralelos entre as novas e florescentes formas contextualizadas do movimento evangélico e as constantes adaptações do espiritismo umbandista e mesa branca à realidade brasileira.

Quarto, como apresenta uma reportagem de capa da revista *Veja*, as igrejas evangélicas “penetram nas comunidades necessitadas com uma velocidade enorme, e sem qualquer burocracia, oferecendo um modelo ético em lugares esquecidos pelas autoridades e onde a polícia desperta mais medo do que segurança”.<sup>35</sup> A moralidade da fé evangélica e pentecostal inspira os indivíduos, muitos deles convertidos de vidas dissolutas de crime, drogas e prostituição.<sup>36</sup> Crentes evangélicos inculcam uma nova ética, uma nova moralidade, um desejo de viver “agradando a Deus” pelo poder do Espírito Santo. O reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Prof. Carlos Lessa, concorda com isso: “Esses crentes não quebram as regras e aprendem a prestar contas de si mesmos, e cobram isso de seus irmãos”.<sup>37</sup> A esperança evangélica de uma vida pura e santa continua firme mesmo diante das falhas morais de seus líderes. David Martin argumenta em seu livro *Tongues of Fire* de 1990, que quando os evangélicos vivem a sua fé na sociedade, uma reforma ocorre a tal ponto de alcançar toda a nação. O Brasil está longe de ter hoje uma sociedade reformada. Ainda assim, a fé evangélica e pentecostal está cada vez mais articulada num esforço por trazer mudanças sociais e políticas.<sup>38</sup> Contrastes com o espiritismo afro-brasileiro não poderiam ser mais marcantes, uma vez que tanto o Candomblé e a Umbanda exigem pouco ou quase nada em termos de vida ética. Nos anos 1980 a revista popular brasileira *Caos* ridicularizou repetidas vezes a fé evangélica por requisitar um código moral e ético muito

<sup>34</sup>Cf. J.S. HORRELL (ed.) *Ultrapassando Barreiras: Novas opções para a igreja brasileira na virada do século XXI*. S.P.: Vida Nova, 1994; e *Ultrapassando Barreiras: Igrejas inovadoras e métodos bíblicos que brotam no Brasil*. S.P.: Vida Nova, 1995.

<sup>35</sup>EDWARD. “A Força do Senhor”. p. 5.

<sup>36</sup>*Ibid.* pp. 5-11; e Samarone LIMA e Roberta PAIXÃO. “Salvos pela Palavra”. in *Veja*. 15 de Julho 1998. pp. 86-92.

<sup>37</sup>Carlos LESSA. *O Rio de Todos os Brasis*. S.P.: Record, 2000. apud Edward. “A Força do Senhor”. p. 5.

<sup>38</sup>Veja o excelente artigo de Sherron K. GEORGE. “Brazil: An ‘Evangelized’ Giant Calling for Liberating Evangelism”. in *International Bulletin of Missionary Research* 26:3 (Julho 2002). pp. 104-109. Compare o otimismo de D. STOLL. *Is Latin America Turning Protestant?*; H. COX. *Fire from Heaven*; e R. SHAULL. *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches*. pp. 161-168, com a preocupação de Miguez Bonino quanto à superficialidade social do pentecostalismo em *Faces of Latin American Protestantism*. pp. 72-77.

rígido de seus membros, enquanto que a Umbanda prometia poder sem exigência alguma. Hoje em dia não são muitos que apregoam tal coisa. De fato, como é sugerido no caso da religião Vodun no Haiti, alguns suspeitam que o espiritismo afro-brasileiro seja a maior maldição da nação. É digno de nota que o espiritismo euro-brasileiro, com sua afinidade com a regra áurea de Jesus, pode ser visto como eticamente mais positivo com suas instituições de assistência social.

A quinta característica dos movimentos evangélico e pentecostal é o papel funcional da Palavra – tanto a Bíblia como o *kerygma* do proclamador. A afirmação de Maomé de que os judeus e os cristãos são “povo do Livro” continua a caracterizar os evangélicos brasileiros, especialmente de tradições conservadoras históricas. Por exemplo, em 1999 os batistas registraram acima de sete mil estudantes em seus seminários.<sup>39</sup> Entretanto, embora haja mais de 600 escolas bíblicas espalhadas pelo país, a maioria das 75 mil congregações evangélicas não possui liderança com treinamento teológico básico.<sup>40</sup> Algumas igrejas evitam inteiramente o treinamento teológico ao implementar novas formas de educação teológica – idéias encorajadas no congresso brasileiro Consulta Internacional de Treinamento de Pastores (Training of Pastors International Consultation – TOPIC), em agosto de 2002. Treinamento bíblico formal também é desestimulado na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Na IURD, a voz do pastor poderá dominar todo o culto sem que haja, ao menos, um só instante de silêncio ou reflexão.<sup>41</sup> Pouco ensino é ministrado, enquanto que o sermão vai se tornando o que Caio Fábio denomina um “grito de guerra” – “Jesus é Senhor! Jesus é o Libertador!” Esses “gritos de guerra” funcionam como elementos inspiradores para as pessoas. Eles acabam tomando o lugar do ensino. O ensino é muito mais trabalhoso, demanda estudo, pesquisa e articulação. O “grito de guerra”, não. Ele é inspiração e “nutrição”.<sup>42</sup> Em todo caso, a Bíblia e a pregação da Palavra são tidos

<sup>39</sup>JOHNSTONE e MANDRYK. *Operation World*. p. 121.

<sup>40</sup>*Ibid.*

<sup>41</sup>Como este autor observou na IURD central do Brás, em São Paulo, S.P., o Bispo Edir Macêdo falou por quase três horas num domingo de manhã. Nenhuma outra pessoa esteve envolvida, nem mesmo em oração, cântico ou oferta.

<sup>42</sup>Cf. Caio Fábio em entrevista de Waldo Cesar, apud SHAULL e CESAR. *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches*. p. 47. Apesar da importância de muito do que foi apresentado neste livro bem escrito, sua abordagem é muito estreita e compromete suas afirmações de natureza generalizante, pois vem somente da pesquisa de Cesar a respeito da IURD no Rio de Janeiro e em São Paulo, mesmo que a maior denominação pentecostal no Brasil seja a Assembléia de Deus. É difícil de imaginar que as Assembléias de Deus sejam tão flexíveis no que diz respeito à nova agenda social e teológica que os autores advogam.

como centrais para quase todo o movimento evangélico, seja na profecia espontânea da Congregação Cristã do Brasil (que não tem pastores) ou no “estudo” bíblico nas casas de um grupo de oração da Assembléia de Deus na terça-feira à noite. Os evangélicos “falam” a Palavra.<sup>43</sup> A maioria afirma dogmaticamente que a Bíblia é autoridade e inerrante “manual de vida”. A confissão evangélica da Bíblia como autoridade e árbitro da vida cristã contrasta frontalmente com as cerimônias secretas das religiões afro-brasileiras nas línguas iorubá e outras, em que a verdade é encoberta dos devotos. O kardecismo é menos secreto, mas depende não apenas dos escritos espiritualistas de Kardec e Chico Xavier, como mais diretamente de necromancia e da comunicação mediúnicamente com os espíritos. Há, porém, um fenômeno paralelo entre o espiritismo brasileiro e o pentecostalismo: o recebimento de mensagens diretamente do mundo sobrenatural.

Certamente há ainda outras características nessa relação com o espiritismo que mereceriam atenção num estudo futuro. Mas o que foi apresentado acima é o suficiente para se ter uma idéia concreta da relação entre a fé evangélica e as crenças do espiritismo afro e euro-brasileiro.

#### 4. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

##### 4.1 Precauções quanto ao Movimento Evangélico em Comparação com o Espiritismo Brasileiro

À luz do complexo de realidades tanto do espiritismo como do movimento evangélico, meu objetivo final é sugerir aos evangélicos certas orientações, não visando o diálogo com o espiritismo, mas uma autocompreensão mais adequada. Que aspectos das expressões cristãs de fé contextualizadas são benéficos e quais poderiam ser prejudiciais? Minhas primeiras observações tem a ver com a experiência evangélica brasileira no que se refere a seu compromisso com as Escrituras ainda que contextualizada em meio a uma variedade de subculturas. Um segundo grupo de observações tocam a postura evangélica no que concerne o espiritismo afro e euro-brasileiro. Um resumo de nossas descobertas anteriores é importante aqui.

<sup>43</sup>O movimento da “Palavra da Fé”, de Kenneth Hagin, conjugado com a Teologia da Prosperidade, continua a exercer influência no Brasil, cf. Alan B. PIERATT. *O Evangelho da Prosperidade*. S.P.: Vida Nova, 1995<sup>2</sup>; Paulo ROMEIRO. *Evangélicos em Crise: Decadência doutrinária na Igreja brasileira*. S.P.: Mundo Cristão, 1995; e D.R. MCCONNELL. *A Different Gospel: A Historical and Biblical Analysis of the Modern Faith Movement*. Peabody: Hendrickson, 1988.

##### 4.2 Recapitulando as Informações

A primeira parte de nosso estudo traçou as raízes para as várias expressões do espiritismo no contexto brasileiro. Na maciça transferência de escravos, o animismo africano foi suprimido sob o domínio militar dos grandes proprietários de terras católico-romanos, ainda que essa subjugação levou à adoração clandestina debaixo da fachada dos símbolos religiosos latinos. Em outras palavras, o Candomblé, a Quimbanda, a Macumba e o Xangô sobreviveram por meio da imitação da fé cristã, mesmo que mantendo uma conceituação inteiramente diferente da religião. A Umbanda é uma mistura mais recente de Kardecismo com espiritismo africano e indígena, que substituiu mais explicitamente a fé cristã com símbolos da idolatria.

O espiritismo europeu, do modo em que foi articulado por Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos*, era desde o princípio uma reinterpretação transcendentalista e espiritualista da fé cristã da perspectiva do Iluminismo. O espiritismo kardecista sofreu suas mutações no ambiente brasileiro, mas continuou em grande medida sua associação velada com o ensino e a ética cristã. Isso não significa, por exemplo, negar a possibilidade de comunicação com os espíritos que, sob uma perspectiva bíblica, é uma “doutrina de demônios”. Em sua forma básica, portanto, o espiritismo brasileiro é identificado por **imitação**, por meio de sincretismo, com crenças e práticas cristãs.

Na segunda parte deste estudo, definimos o movimento evangélico em sua extensão no contexto brasileiro, incluindo as denominações históricas, os protestantes progressistas, e os movimentos carismático e pentecostal. Desse todos, atenção especial foi dada às expressões pentecostal e carismática da fé cristã. Esses grupos constituem pelo menos 75% do movimento evangélico brasileiro e representam o segmento de crescimento desproporcional em relação ao todo. Além disso, são especialmente as igrejas pentecostais que mais diretamente podem ser relacionadas comparativamente com o espiritismo brasileiro, muitas vezes assumindo uma postura de confrontação e profunda hostilidade. A teologia pentecostal pode ser identificada por quatro crenças primárias: 1) **Salvação** pela graça de Deus, recebida pela fé e conquistada pela morte vicária de Jesus Cristo, enfatizando a conversão pessoal e a derrota de Satanás; 2) **o batismo do Espírito Santo**, interpretado como uma experiência subsequente e testificada pelo dom de línguas, evidência do recebimento de poder espiritual; 3) **a cura divina** como promessa para todos os crentes, administrada normativamente por meio da oração e a imposição de mãos; e 4) **a escatologia pré-milenista**, cujos destaques são o arrebatamento, o julgamento, céu e inferno, o destino final de Satanás, demônios e todos os perdidos. As implicações disso para o espiritismo são muitas. Tam-

bém esboçamos cinco características distintas – i.e., aquilo que é essencial, comportamental ou postural –, dos pentecostais e, em parte, do movimento evangélico mais amplo. Cada característica foi observada em justaposição ao ou em paralelo com o espiritismo. Primeiro, o pentecostalismo se centraliza numa “experiência imediata de transformação”. Essa orientação experiencial é endêmica à grande porção dos evangélicos da América Latina e, talvez não incidentalmente, ao espiritismo, especialmente em suas formas afro-brasileiras. Segundo, o movimento evangélico é agressivamente evangelístico. No que diz respeito ao espiritismo, o pentecostalismo é, muitas vezes, diretamente confrontacional por meio de seus exorcismos e do “amarrar” os demônios. Terceiro, a liderança carismática e pentecostal é autenticamente brasileira – um atributo saudável para a igreja. Apesar disso, o esforço por identificação nacional é também uma característica paralela e exaltada pela religiosidade local, notavelmente pela umbanda. Quarto, o Evangelho do movimento evangélico produz transformação individual e social, penetrando e transformando o mais cruel dos bandidos e a comunidade mais destituída. Esse ponto contrasta marcadamente com o espiritismo afro-brasileiro e tem-se mostrado muito mais libertário do que os ensinamentos kardecistas de autodesenvolvimento por meio de boas obras. E, quinto, o movimento evangélico afirma a importância fundamental da Bíblia Sagrada e da proclamação da Palavra – o que não tem similar no espiritismo. Existe, porém, o afã de desejar ouvir diretamente do mundo sobrenatural.

### 4.3 Por Dentro do Movimento Evangélico Brasileiro

Qualquer avaliação de um grupo cristão, ainda mais de um segmento evangélico que tem-se mostrado como um dos mais vitais no mundo, pode ser um ato de *hybris* (arrogância). Naquilo que segue, a intenção é a de discernir fatores, freqüentemente não percebidos, que podem influenciar os crentes – fatores, às vezes, implantados na psiquê social do movimento evangélico brasileiro. Talvez isso seja um exagero, uma vez que não existe uma psiquê sociologicamente singular ou expressão homogênea do pentecostalismo brasileiro. Dessa forma, este estudo não pretende ser completo ou necessariamente equilibrado, mas simplesmente as conclusões de um observador externo interessado.

#### 4.3.1 Uma Cosmovisão Espiritual

Evangélicos da América do Norte têm sido acusados, há bastante tempo, por cristãos dos países em desenvolvimento de assumirem um sistema de fé que é mais modernista do que bíblico. Ou seja, a perspectiva da vida do

ponto de vista norte-americano é essencialmente racionalista, ainda que afirme uma teologia teísta. O pós-modernismo nos advertiu, corretamente, que nenhuma comunidade de fé está independente da cultura da qual deriva seus padrões de linguagem e pensamento. No contexto do Brasil cosmopolita, as igrejas evangélicas e pentecostais não são diferentes. Bernardo Campos chamou a atenção para essa falta de discernimento cultural:

Assim, a comunidade pentecostal articula uma cosmovisão com os elementos disponíveis no momento. Não importa se esses elementos já estejam identificados com os modelos de conhecimento ou modelos de ação cujas raízes estejam nas estruturas religiosas católicas ou protestantes, se eles pertencem às ... ideologias ancestrais do mundo de sua antiga ordem social (...) ou se eles são estranhos à produção nacional.<sup>44</sup>

A Teologia da Libertação, por exemplo, apoiou-se com entusiasmo desmedido em premissas ideológicas quanto às realidades sócio-econômicas na América Latina. Dessa forma, pode ser instrutivo para o movimento evangélico brasileiro avaliar as pressuposições culturais que moldam atualmente suas expressões de fé.

Como vimos acima, o espiritismo afro e euro-brasileiro, juntamente com o catolicismo romano, infundiu o misticismo em cada camada da sociedade brasileira. De um lado, o pentecostalismo e o movimento carismático corretamente afirmam uma real experiência relacional com Deus e a realidade dos anjos, demônios e o poder do Espírito Santo. A confrontação com as realidades demoníacas requer fé e discernimento. De outro lado, porém, especialmente na expressão carismática e pentecostal popular, uma perspectiva bíblica pode ser superada por uma cosmovisão espiritualista, quando não animista, que relaciona todos os incidentes da vida humana diretamente à intervenção sobrenatural. Os três inimigos do crente cristão – o mundo, a carne e o Diabo –, são reduzidos a um único: “Tudo é do Diabo!”. Nessa perspectiva o crente está em tensão constante e direta com as forças das trevas e em necessidade permanente de intervenção sobrenatural palpável para assegurar o favor divino. Se o erro dos evangélicos tradicionais é a falta de expectativa pela intervenção divina, o erro do pentecostalismo é o vício pela

<sup>44</sup>Bernardo CAMPOS. “Lo testimonial: Un caso de teología oral e narrativa”. in *Pentecostalismo y Liberación*. p. 128. apud Miguez BONINO. *Paces of Latin American Protestantism*. p. 71.

manifestação divina perpétua por meio de milagres, visões, profecias e a vitória sobre seus inimigos.<sup>45</sup> Deus age dispensando sua graça e se faz, às vezes, responsivo às expectativas daqueles a quem ele ama. Mas para o comportamento do pentecostalismo popular a Teologia da Cruz seria um importante fator de equilíbrio. O melhor corretivo para a dependência em fenômenos sobrenaturais imediatos é a própria Bíblia, que tanto exorta o indivíduo a buscar um relacionamento real com o Trino-Deus como também afirma a necessidade de perseverança em tempos de dificuldade, dúvida ou de aparente falta de intervenção divina. Sem firmes parâmetros doutrinários, o movimento carismático corre o risco de ser conduzido por nada muito além das últimas inovações experienciais de seus líderes.

#### 4.3.2 O Mundo Material

Nas culturas animistas e espíritas a oblação do devoto aos espíritos é recompensada de maneira tangível. É nessas mesmas culturas que a Teologia da Prosperidade alcançou uma resposta avassaladora. Aquilo que começa às vezes como uma pequena onda no pentecostalismo norte-americano pode chegar ao Brasil com toda a força de uma maré. A Teologia da Prosperidade de Kenneth Hagin e o “cair pelo Espírito” de Benny Hinn obtiveram enorme impacto no Brasil, ainda que as mesmas práticas já estivessem em andamento. O sociólogo Reginaldo Prandi argumenta que enquanto o catolicismo brasileiro foi sempre não-obrigatório, tanto pública como financeiramente, as novas igrejas pentecostais exigem contribuições compulsórias, nas quais “cada pessoa precisa pagar por sua religião”.<sup>46</sup> Ele sugere ainda, que isso produz uma nova dinâmica entre a igreja e o fiel, na qual religião é vista como um bem de consumo. O conceito do “evangelho da saúde e da prosperidade” está no centro de movimentos tais como O Brasil para Cristo e a Igreja Universal do Reino de Deus. A contribuição (financeira) sacrificial dada ao líder de uma denominação carismática é percebida como um investimento com retorno garantido, em paralelo flagrante, quando não uma modernização, do sacrifício do espiritismo afro-brasileiro a fim de obter benefícios dos deuses.

O pentecostalismo tem sido tradicionalmente a religião da favela. É a partir da confiança diária em Deus que milhões de crentes sobrevivem. Mas,

<sup>45</sup>Paulo ROMEIRO. *Os Supercrentes*. S.P.: Mundo Cristão, 1993; e *Evangélicos em Crise* (1995), citam dezenas de exageros e abusos de poder entre líderes carismáticos e pentecostais, sendo que o próprio Paulo Romeiro é pentecostal.

<sup>46</sup>Reginaldo PRANDI. “Religião Paga, Conversão e Serviço”. in *Novos Estudos* 45. Julho 1996. p. 65.

à medida que o tempo passa, não são poucos os que abandonam os movimentos da “saúde e prosperidade” – desiludidos com os exageros e com as promessas não cumpridas dos líderes ardorosos – , a procura de estabilidade em igrejas de outras tradições. Outros apenas desistem e se afastam de qualquer igreja. As questões envolvendo contextualização não são simples. Ainda assim, à luz das práticas do espiritismo afro-brasileiro de barganhar com os orixás, o movimento pentecostal e carismático deve reavaliar o frágil apoio bíblico que utiliza nem tanto para justificar uma cosmovisão neotestamentária quanto pagã.

#### 4.3.3 A Postura Evangélica diante do Espiritismo Afro e Euro-brasileiro

Talvez Deus chamou alguns que entrarão em confronto direto com o espiritismo. Muitas pessoas já foram libertas da escravidão espiritual por causa da coragem e intervenção de evangelistas fiéis. De fato, no pentecostalismo brasileiro, cultos de exorcismo não são incomuns. Às vezes, no esforço de invadir o território do inimigo, grupos como a Igreja Universal do Reino de Deus adotam práticas paralelas do espiritismo como, por exemplo, crentes trazendo lenços para o “templo” da igreja. Justificam-se essas práticas, muitas vezes, em termos de contextualização ou o emprego dos fetiches de Satanás contra ele mesmo. Poderia ser argumentado que a tradição cristã do hemisfério norte fez coisa bastante parecida ao adaptar a verdade cristã a símbolos pagãos – como fica evidente nos símbolos pagãos cristianizados do Natal, da Páscoa e de Finados. Em todo caso, sendo apenas aparentes ou reais, multitudes de brasileiros dizem terem sido libertas de opressão e possessão demoníaca pela intervenção de crentes, em grande maioria, pentecostais e carismáticos.

Os mandamentos bíblicos, no entanto, tipicamente advertem os cristãos para a prontidão e firmeza em vez de sugerir que agressivamente busquem a confrontação com os espíritos. Se a confrontação não é normalmente encorajada, muito menos ainda é a imitação de práticas pagãs. Ao contextualizar a fé bíblica, os grupos evangélicos e pentecostais deveriam tomar o cuidado de não alimentar os novos crentes com aquilo que é “sacrificado aos ídolos”. Além do mais, parece sábio evitar práticas paralelas conscientes com o espiritismo que podem levar, os que têm familiaridade com atos similares, de volta ao espiritismo do qual eles previamente escaparam.

Em conclusão, embora as teologias do movimento evangélico e a do espiritismo estejam quase sempre em contraste uma com a outra, e embora muito pode ser aproveitado da cultura, as expressões práticas da fé evangélica necessitam estar atentas aos padrões bíblicos de experiência e conduta.

Assim como vários dos pensadores brasileiros e latino-americanos, mencionados acima, já exortaram, o movimento evangélico, e particularmente o pentecostalismo, é advertido a avaliar criticamente as experiências contextuais e espirituais à luz das Escrituras, de forma que Jesus Cristo seja honrado.

## CONTEXTUALIZAÇÃO E TRADIÇÃO NA IGREJA PÓS-MODERNA

Luiz A. T. Sayão\*

### 1. A TRADIÇÃO CRISTÃ

O cristianismo é uma religião essencialmente histórica. Portanto, um dos termos necessariamente mais preciosos para a fé cristã é a palavra “tradição”. No contexto judaico o termo já era utilizado no sentido bastante positivo significando “o saber e os ritos da fé acumulados na experiência histórico-religiosa do povo de Deus”. Como religião, o cristianismo, no sentido sociológico, nasce dentro do contexto judaico. Surge como elemento crítico do “tradicionalismo” irrefletido e incoerente de certos grupos judaicos (Mt 15:6; Mc 7:8), mas desenvolve sua própria tradição. Por essa razão, o termo grego *paradosis*, “tradição”, é usado duas vezes no sentido positivo no Novo Testamento, referindo-se à “tradição cristã”.<sup>1</sup> Os textos (NVI) dizem:

**Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram ensinadas, quer de viva voz, quer por carta nossa (2 Ts 2:15).**

**Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não conforme a tradição que vocês receberam de nós (2 Ts 3:6).**

---

\* Luiz Alberto Teixeira Sayão, Mestre em Linguística (Hebraico) pela USP, é professor de Hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo (SP). Foi coordenador da Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI) e é atualmente editor acadêmico de Edições Vida Nova.

<sup>1</sup> Merece atenção o fato de que o termo é usado desse modo em 2 Tessalonicenses, que deve ser datada no ano 51 A.D., durante a 2ª viagem missionária de Paulo. É praticamente certo que a epístola foi escrita em Corinto, logo depois da fundação da igreja de Tessalônica. Isso mostra que o termo foi usado no sentido positivo de “ensino cristão” bem cedo na igreja primitiva.